

**A PASSIVA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA AVALIAÇÃO²⁹**

Jilvan Evangelista da Silva (UFBA)

jilvantnt@hotmail.com

Edivalda Alves Araújo (UFBA)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os processos sintáticos que provocaram a mudança da passiva pronominal, transformando-a em uma construção média. A passiva pronominal é uma construção da língua portuguesa, que se constitui de um verbo transitivo acusativo, o pronome clítico *se* e um sintagma nominal (argumento interno) à direita do verbo. Tal construção, entretanto, está passando por mudanças sintáticas significativas, a ponto de se tornar outro tipo de construção, em função de perder o *se* juntamente com o deslocamento do sintagma nominal para a esquerda.

Palavras-chave: Sintaxe. Passiva pronominal. Construção média.

1. Introdução

A passiva pronominal caracteriza-se pela presença de um verbo transitivo direto, acompanhado de um pronome clítico *se* e um sintagma nominal (argumento interno), conforme exemplificação em (1) e (2):

(1) Aluga-se carro.

(2) Pintam-se apartamentos.

Nesse tipo de passiva, o sintagma nominal que aparece à direita é considerado, sintaticamente, o sujeito, visto que concorda com o verbo, conforme se pode ver em (2).

Esse tipo de passiva, conforme indica Nunes (1991), está desaparecendo da língua, sendo, aos poucos, substituído pela construção indeterminada, em que o argumento interno deixa de ser considerado sujeito e, portanto, não desencadeia concordância com o verbo, derivando construções como em (3):

(3) Pinta-se apartamentos.

²⁹ Pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica da UFBA, dentro do grupo de pesquisa Sintaxe Histórica do Português, vinculado ao PROHPOR, sob a orientação da Profa. Dra. Edivalda Araújo.

Ao lado dessa mudança, outra vem ocorrendo, gerando uma passiva intermediária, do tipo construção média, conforme classificação de Inês Duarte (2003), visto que o pronome *se* não é mais realizado e o sintagma nominal (argumento interno) passa para a esquerda do verbo.

Com base nesse tipo de realização, levanta-se a hipótese de que a passiva pronominal, devido à interferência das construções de tópico no português brasileiro, está passando por uma reanálise. A partir daí, destacaram-se como objeto de análise as produções orais espontâneas ou dados de Internet para se verificar a ocorrência dessa nova construção.

Para o desenvolvimento da análise de tais construções, recorre-se às seguintes abordagens teóricas: Said Ali (2008); Brisolara & Tasso (2008); Inês Duarte (2003); Lima (2006); Nunes (1991).

Este trabalho encontra-se assim organizado: na segunda seção, apresenta-se uma breve retrospectiva do estabelecimento na passiva no português; na terceira, detém-se na explicação sobre a passiva pronominal; na quarta, explica-se a construção média; na quinta, analisa-se a mudança que está atingindo a passiva pronominal; e, na sexta, traz-se uma breve conclusão.

2. Passiva: uma retrospectiva

A passiva, que era flexionada no latim, como: *legitur* “foi lido”, não passou para o português. Esta língua, além da passiva analítica (em (4)), desenvolveu a passiva pronominal com *se*, significando, inicialmente, “o objeto por si só faz alguma coisa”, como o mostra Said Ali (2010), em (5):

(4) Os livros foram lidos.

(5) Os anéis se vendem.

As construções de outrora eram realizadas com verbos transitivos e o sintagma nominal (argumento interno) antecedendo o verbo, sem a realização do argumento externo e com a presença do clítico *se*. A mudança na ordem, entretanto, provocou a distinção semântica, criando-se a reflexiva ao lado da passiva pronominal. Desse modo, a ordem do sintagma nominal passou a indicar o tipo de construção: se passiva ou reflexiva, conforme os exemplos em (6) e (7):

(6) Os alunos se respeitam. (reflexiva)

(7) Respeitam-se os alunos. (passiva)

A distinção sintática entre (6) e (7) levou a uma distinção semântica, principalmente com o sintagma nominal com traço [+ humano].

Dessa forma, têm-se as seguintes leituras: em (6), com o SN à esquerda do verbo, *os alunos* e *se* são correferenciais, partilhando os mesmos traços semânticos, o que leva a uma construção reflexiva; ou seja, a ideia é de que os próprios alunos se respeitam. Porém, ao analisarmos (7), encontramos uma passiva pronominal, visto que o SN (argumento interno) está à direita do verbo, embora apresentando concordância com ele, o clítico *-se* está anteposto ao SN e não há correferencialidade entre eles. A ideia, em (7), é de que alguém respeita os alunos. Desse modo, entende-se que a posição do argumento interno vai provocar uma interferência semântica, promovendo construções diferentes.

Com o sintagma nominal sem o traço [+humano], as construções com verbo transitivo mais o pronome clítico *se* sofreram um direcionamento para a ordem VS, passando a ser agramatical a ordem SV:

(8) Lavam-se carros.

(9) *Carros se lavam.

porque a ideia é que, em (9), é *o carro* que está desenvolvendo a ação do verbo. De acordo com Said Ali (2010), devido à interferência semântica, a construção em (9) começou a ser descartada na língua, o que propiciou o desenvolvimento da passiva pronominal, fixando o SN posposto ao verbo.

Said Ali (2010) demonstra que a passiva pronominal surge relacionada ao artifício da linguagem para suprimir o agente da ação, ou seja, quando os vendedores queriam repassar suas mercadorias, mas não queriam ser identificados, utilizavam construções “impessoais” ou “não agentivas”, conforme a seguinte explicação:

Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria. [SAID ALI, 2010, p. 109]

A exemplificação desse tipo de leitura pode ser entendida na construção (8):

(8) O anel vende-se [a si próprio].

Ou seja, não é exposto quem vende a mercadoria, pois, neste caso, a ideia era de que o objeto vendia a si próprio. Pode-se ver também que havia uma ideia reflexiva, mas, com o passar do tempo, a correferencialidade, ou seja, a ligação referencial entre objeto e o pronome se perde e o argumento interno volta para a posição à direita do verbo: *vende-se o anel*, mas a função sintática de *anel*, sob a ótica tradicional, continua sendo a de sujeito. Na perspectiva do falante, o *se* é apenas um marcador de ausência de argumento externo, sem ligação com o argumento interno.

3. *Passiva pronominal*

O português dispõe da passiva pronominal e da construção média. A primeira é uma construção morfossintática que permite o apagamento do argumento externo, seleciona um pronome apassivador e um argumento interno, como no exemplo abaixo:

(9) Vendem-se apartamentos.

Como se pode verificar, o sintagma nominal – *apartamentos* –, apesar de ser o argumento interno, funciona como sujeito da frase, o verbo é transitivo acusativo e ocorre a presença do clítico. O argumento interno, sujeito da frase, deve concordar com o verbo, visto que o sintagma nominal precisa receber algum caso sintático. Ou seja, em função de o verbo estar impossibilitado de atribuir caso acusativo, o sintagma nominal precisa receber o caso nominativo, o que lhe transforma no sujeito da oração.

Caso não ocorra a concordância, está-se diante de outro tipo de construção: a de indeterminação do sujeito (cf. NUNES, 1991). Tal construção apresenta semelhanças com a passiva pronominal, porém não há concordância entre o verbo e seu argumento interno, recebendo este o caso acusativo.

A passiva pronominal continua sendo utilizada no português europeu em contextos variados, porém, no Brasil, esse tipo de passiva está restrito a alguns contextos, pois a mesma passou a ser uma forma cristalizada, encontrada, de modo geral, em determinados locais para divulgar um tipo de venda ou serviço, dentre outros. Para Nunes (1991, p. 36), a sobrevivência da passiva pronominal no português brasileiro se deve à tradição gramatical:

As construções com *se* apassivador devem sua sobrevivência na modalidade escrita culta do português brasileiro à renitência da gramática tradicional, que *se* pauta pela norma europeia. A concordância em construções com *se* no atual estágio do português do Brasil reflete mais um fenômeno de monitoração [...] (p. 36)

O que se observa no português brasileiro é o uso cada vez menos frequente da passiva pronominal, porque a construção indeterminada, segundo Nunes (1991), passa a substituir tal tipo de passiva. Essa baixa frequência aponta para a preferência do português europeu em utilizar a passiva pronominal e do português brasileiro em preferir a construção indeterminada, como no exemplo abaixo:

(10) Vende-se carros.

Em (10), o sintagma nominal recebe caso acusativo, por ser um complemento direto, e há um pronome nulo referencial em *Spec, IP*, que é indeterminado pelo clítico *se* (cf. NUNES, 1991). Além disso, o argumento interno não concorda com o verbo e o *se* não é um pronome apassivador como em (1), mas sim indeterminador como em (10). Ao fazer uso desse tipo de construção, o falante não identifica o sintagma nominal à direita do verbo como o sujeito da oração, mas sim como o complemento do verbo.

Ao fazermos tal afirmação, não podemos deixar de apontar que o fator concordância nessas construções é algo a ser questionado no que diz respeito ao português do Brasil. É fato que tanto a construção em (9) quanto a construção em (10) possam ser do mesmo tipo sintático; ou ainda esta última ser ou passiva pronominal ou indeterminação do sujeito. Sendo o português brasileiro uma língua de concordância fraca, é possível que o falante não estabeleça concordância do sujeito com o verbo e, ainda assim, a frase continuar apresentando uma passiva pronominal. Nesse caso, como indica Nunes (1991), é provável que a leitura sintática das frases possa ser ambígua em relação à concordância.

4. Construção média

A construção média é uma representação flexional das línguas clássicas com a função de expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus interesses (CAMACHO, 2003). Essa construção vem da língua clássica grega, que posteriormente desenvolveu as vozes ativa e passiva. No português, estas construções são bastante produtivas e os verbos que fazem parte delas continuam sendo os transitivos.

Diferentemente da passiva pronominal, o verbo da construção média é transitivo ergativo, como o próprio nome sugere, o mesmo alça seu argumento interno à esquerda do verbo, pois o argumento externo não é realizado, dessa forma o sintagma nominal precisa se deslocar para receber o caso nominativo, como no exemplo:

(11) Os copos quebram.

(12) Vendem-se flores.

Comparando (11) e (12), observa-se que as características de ambas são semelhantes, porém elas se diferenciam pela transitividade do verbo (ergativo, para as construções médias, e transitivo acusativo, para as passivas pronominais) e também pela posição do argumento interno na oração.

Segundo os estudos de Inês Duarte (2003), na língua portuguesa, alguns dos verbos transitivos também podem fazer parte das construções médias, como:

(13) As flores vendem-se *facilmente*.

(14) *As flores vendem-se.

Nessas sentenças, pode-se observar que o verbo não é ergativo, mas sim transitivo direto, porém o sintagma nominal (argumento interno) está à esquerda do verbo. Além disso, caso o advérbio seja omitido como em (14), a construção passa a ser agramatical. Isso ocorre porque a mudança na posição do argumento interno das passivas pronominais exige que o sintagma adverbial, que não pode ser orientado para o agente, seja realizado.

5. Mudança estrutural: passiva pronominal ou construção média?

A evolução da passiva pronominal é proveniente de três modificações: a) o deslocamento do SN da direita para a esquerda; b) o apagamento do *se*; e c) a exigência de um sintagma adverbial, promovendo construções do tipo:

(15) Esse carro vende fácil.

(16) A blusa limpa rápido.

Esse processo levou a uma mudança no tipo de passiva pronominal, passando esta a ser uma construção ergativa, do tipo construção mé-

dia. Acredita-se que tal mudança ocorreu devido ao alçamento do argumento interno à esquerda do verbo, talvez para a posição de tópico, o que promoveu interferência na passiva pronominal, que passa a ter a mesma disposição de elementos da construção média, mas sem o verbo ergativo.

Na produção oral popular, a passiva pronominal já apresenta mudanças sintáticas significativas, como o apagamento do clítico acusativo e o deslocamento do sintagma nominal à esquerda do verbo, conforme identificado em alguns dados no *corpus* em análise:

(17) Vendem-se quatro coisas.

(18) “A cada um minuto, quatro coisas vendem”³⁰

Ao compararmos as sentenças (17) e (18), observamos uma passiva pronominal em (17). Em (18), entretanto, a frase deixa de ser uma passiva pronominal, já que o pronome apassivador não foi realizado e o sintagma nominal foi deslocado à esquerda do verbo – características típicas das construções médias.

A partir das mudanças morfossintáticas observadas na passiva pronominal que resulta na construção em (18), verificamos que, para que construções da “nova” passiva sejam produtivas e gramaticais, são necessárias a concomitância das seguintes características: i) apagamento do clítico acusativo; ii) deslocamento do argumento interno, sintagma nominal, à esquerda do verbo; iii) o sintagma nominal deve ser [- humano]; e iv) deve ser realizado um adjunto adverbial que não seja orientado para o agente. Comparem-se as seguintes sentenças:

(19) “A cada um minuto, quatro coisas vendem”

(20) * Quatro coisas vendem.

(21) A manteiga derreteu.

Em (19) e (20), temos duas construções médias, que diferem apenas pela realização do sintagma adverbial: presente em (19), mas ausente em (20). Essa ausência provoca a agramaticalidade da sentença; ou seja, a realização do advérbio é indispensável para a gramaticalidade dessas construções. Em (21), ocorre uma construção média “normal”, a frase é gramatical, mesmo sem o sintagma adverbial. Porém, se compararmos (19) e (21), veremos que há diferença em relação ao verbo: transitivo

³⁰ Propaganda da Bomnegócio.com, veiculada na televisão.

acusativo em (19) e transitivo ergativo em (20). Tal fato nos leva à conclusão de que, quando o verbo é ergativo, não é necessária a realização do advérbio, que passa a ser obrigatória com os verbos acusativos nesse tipo de construção.

Esse tipo de mudança não é algo restrito ao Brasil, já que tais construções são realizadas também no português europeu, conforme os estudos de Inês Duarte (2003).

No Brasil, quando o pronome passivador não é realizado na construção passiva e o argumento interno é alçado à esquerda do verbo, entendemos que a perda do pronome provocou seu deslocamento e exigiu um sintagma adverbial para que a mesma se torne gramatical, e assim concebendo que essa passiva pronominal passou por mudanças sintáticas para se tornar uma construção média. No português europeu, tais construções convivem com as passivas pronominais, que também são produtivas. Os motivos sintáticos que levam à produção da mesma construção no português brasileiro e no português europeu precisam ser mais investigados.

6. Conclusão

As passivas pronominais, embora continuem sendo realizadas no português brasileiro, não é uma construção recorrente, já que a preferência é a construção indeterminada. Além disso, esse tipo de passiva está passando por mudanças sintáticas e se tornando construções médias, devido ao alçamento do argumento interno, ao apagamento do clítico *-se* e à realização do sintagma adverbial.

Os fatores que levaram a essa mudança podem ser encontrados na história de sentenças formadas pelo clítico *se*, o qual surge na língua como reflexivo; com o passar do tempo assume a função de pronome apassivador e, posteriormente, a de um pronome indeterminado. Talvez a mudança esteja no traço do verbo ou no apagamento do *se*. Essa pesquisa está em fase inicial. Com o seu avanço, espera-se encontrar mais fatores que levaram à mudança e possíveis exigências além das mencionadas neste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISOLARA, Oscar Luiz; TASSO, Rossana Dutra. *As relações sujeito-predicado-objeto na voz média*. Disponível em:

<http://www.celsul.org.br/Encontros/08/relacoes_sujeito_predicado.pdf>.

Acesso em: 19-10-2013.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. (Org.). *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 536-539.

LIMA, Bruno Fernandes Zenóbio de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na língua portuguesa como um processo de gramaticalização*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

NUNES, Jairo. Se apassivador e Se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, Campinas: UNICAMP, jan./jun. 1991, p. 33-58.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL/Biblioteca Nacional, 2008, p. 101-119. Disponível em:

<<http://goo.gl/cKaqqg>>. Acesso em: 04-11-2013